

# Violência no futebol: uma comparação entre os bondes de pista e as torcidas organizadas<sup>1</sup>

Violence in football: a comparison between “bondes de pista” and “torcidas organizadas”

**Fábio Henrique França Rezende**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

**Silvio Ricardo da Silva**

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

**Felipe Tavares Paes Lopes**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

## RESUMO

Neste artigo, objetivamos comparar os modos de organização e operação dos bondes de pista e das torcidas organizadas, focalizando sua atuação nos confrontos contra agrupamentos rivais. Também objetivamos analisar em que medida e como esses bondes adaptam suas estratégias de luta quando se confrontam com as referidas torcidas. Para alcançar esses objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema e desenvolvemos uma pesquisa de campo com cinco bondes de pista: Bonde do Braço Fino, do Santos, Sobranada, do Fluminense, Bate Anda, do Flamengo, Ultras do ABC de Natal e Bonde da Aliança, do Ceará — tendo os acompanhado em reuniões, ações sociais, treinos de artes marciais e jogos dos seus respectivos clubes. Para mais, realizamos entrevistas semiestruturadas com suas lideranças, como forma de obter informações acerca da atuação de cada agrupamento. Entre outras coisas, concluímos que os bondes de pista rejeitam a lógica do extermínio que mobiliza algumas das ações das organizadas, compreendendo as brigas como um estilo de vida, uma forma de jogo e uma prática de lazer. Nesse sentido, os primeiros têm como código de ética, para a maioria dos confrontos, a utilização dos corpos dos participantes como principais ferramentas de ataque e de defesa. Negando, portanto, o auxílio de armas brancas, de emboscadas e

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), modalidade Demanda Social (DS).

Recebido em 3 de março de 2025.  
Avaliador A: 6 de fevereiro de 2025.  
Avaliador B: 16 de março de 2025.  
Aceito em 23 de maio de 2025.



desprezando, sob quaisquer circunstâncias, a utilização de armas de fogo.

**Palavras-chave:** Violência, Futebol, Bondes de pista, Torcidas organizadas, Lazer.

## **ABSTRACT**

In this article, we aim to compare the organization and operation methods of “bondes de pista” and organized fan groups, focusing on their actions during confrontations with rival groups. We also aim to analyze the extent to which and how these “bondes” adapt their fighting strategies when confronted these organized fan groups. To achieve these objectives, we conducted a bibliographic review on the topic and carried out field research with five “bondes de pista”: “Bonde do Braço Fino” from Santos; “Sobranada” from Fluminense; “Bate Anda” from Flamengo; “Ultras do ABC” from Natal and “Bonde da Aliança” from Ceará -, in which we accompanied them in meetings, social actions, martial arts training, and matches involving their respective clubs. Additionally, we conducted semi-structured interviews with their leaders to gather information about the actions of each group. Among other findings, we concluded that the “bondes de pista” reject the logic of extermination that drives some of the actions of organized fan groups, viewing fights as a lifestyle, a form of play, and a leisure practice. In this context, the former adhere to an ethical code for most confrontations, relying on participants’ bodies as the primary tools for attack and defense during disputes. Therefore, they categorically reject the use of weapons, ambush tactics, and, under any circumstances, firearms.

**Keywords:** Violence, Football, Bondes de pista, Torcidas organizadas, Leisure.

## **INTRODUÇÃO**

Os confrontos no futebol brasileiro entre torcedores iniciaram-se antes mesmo da formação, no fim da década de 1930 e início da de 1940, das primeiras torcidas organizadas — chamadas, no período, de torcidas uniformizadas ou charangas. Os jornais cariocas já abordavam em suas reportagens os “sururus”, no início do século XX, nos jogos em que o Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo disputavam em regiões periféricas do Rio de Janeiro e em cidades vizinhas (Hollanda, 2016) — como foi o caso, por exemplo, de algumas matérias publicadas pelo jornal Correio da Manhã, em 1920. Esses acontecimentos fizeram com o que o poder público criasse o Decreto N° 14.529, que tinha como finalidade tutelar e controlar o comportamento do público nas arquibancadas. De acordo com Malaia (2012), em 1922, durante

o Campeonato Sul-Americano de Futebol Masculino, sediado no Rio de Janeiro, as forças policiais atuaram contra torcedores que não estavam cumprindo as normas do referido Decreto — como a obrigatoriedade de assistir ao jogo sentado.

Em outros países da América do Sul, conflitos entre torcedores, e entre estes e policiais, também são observados há décadas. Destacamos, por exemplo, o “Tumulto de Lima”, como ficou conhecido o jogo entre Peru x Argentina, no Pré-Olímpico de Futebol Masculino de 1964. Em tal jogo, uma briga entre torcedores peruanos e policiais, que começou nas arquibancadas do Estádio Nacional do Peru e passou para as ruas próximas, resultou em cerca de 300 óbitos (Dunning, 2014).

Na Europa, a história não é diferente. Por exemplo, na Escócia, as chamadas “gangues de navalha”, vinculadas aos dois principais clubes locais — o Glasgow Rangers e o Glasgow Celtic —, causavam temor já nas décadas de 1920 e 1930 (Giulianotti, 2002). Por sua vez, em Leningrado, em 1934, soldados tiveram que cercar o gramado para impedir a invasão de torcedores enfurecidos, que causavam grande tumulto nas arquibancadas. Já na Inglaterra, em 1946, durante uma partida entre Bolton Wanderers e Stoke City, uma briga resultou em 33 mortos e centenas de feridos (Franco Júnior, 2007).

Esses acontecimentos indicam que as brigas no futebol não são, de modo algum, uma novidade, ocorrendo antes mesmo do surgimento daqueles grupos habitualmente rotulados de violentos pela mídia e pelas autoridades públicas, como as *barras*, os *hooligans*, os *ultras* e as torcidas organizadas. Sobre a história dessas brigas, Dunning, Murphy e Willians (1993) são taxativos ao afirmar que elas ocorrem há décadas em diversas partes do mundo, estendendo-se aos anos anteriores à Primeira Grande Guerra. Isso não significa, contudo, que, ao longo do tempo, não tenham se modificado quantitativa e qualitativamente.

No seu formato atual, que inclui planejamento prévio, emboscadas e utilização de armas brancas e de fogo, os confrontos entre torcidas organizadas consolidaram-se apenas na década de 1980. Contrariando uma ideia veiculada na imprensa brasileira e internacional, estudos como o de Armstrong (2013) e o de Rezende (2024a) sugerem que a composição social dos torcedores que se engajam, sistematicamente, em práticas vandálicas e violentas é relativamente diversa, englobando diferentes classes sociais. Embora possa haver certa relação entre insatisfação social e violência, parece mais correto dizer que o aumento exponencial dos confrontos e do número de mortos (Murad, 2013) é fruto, principalmente, de um ciclo de vinganças.

Três acontecimentos interconectados são reveladores desse ciclo: o primeiro é a morte do ex-presidente da Mancha Alviverde (na época Mancha Verde) do Palmeiras, Cléo Sóstenes, no ano de 1988, que, ao sair da sede da organizada palmeirense, foi alvejado com tiros. No jogo seguinte, torcedores do Cruzeiro, ligados à Máfia Azul, provocaram os rivais, motivando a reação dos palmeirenses, que partiram para a briga. Essa rivalidade logo se institucionalizou,

materializando-se numa complexa (e belicosa) rede de amizade/inimizade (a Mancha Alviverde é aliada da Galoucura, maior rival da Máfia Azul). Em 2022, os entreveros entre as torcidas intensificaram-se: em maior número, integrantes da Máfia Azul levaram vantagem sobre membros da Mancha Alviverde num conflito na rodovia Fernão Dias. Entre outras coisas, tomaram o documento de identidade do presidente da organizada palmeirense, exibido como troféu nas redes sociais. Em 2024, veio o revide: integrantes da Mancha Alviverde emboscaram um ônibus da Máfia Azul, que voltava de uma partida em Curitiba. Com rojões, incendiaram o ônibus e, com pauladas, agrediram diversos torcedores, que tiveram de ser hospitalizados (um acabou falecendo).

Embora esses episódios de violência tenham marcado a imagem e a história das torcidas organizadas, nem todas têm como marco identitário de seus processos de sociabilidade os confrontos corporais (e, por vezes, armados) — como são os casos das torcidas denominadas de “chopp” e de “rasta”, devido a suas ligações com o hábito de consumir bebidas alcóolicas e com a cultura rastafari, respectivamente. Estas são mais conhecidas pela sua irreverência e bom-humor (Lopes; Teixeira, 2021). As torcidas que possuem os embates como marco identitário são denominadas “torcidas de pista”.

Seja como for, as torcidas organizadas entraram, definitivamente, para a agenda pública, sendo alçadas pela mídia e pelas autoridades públicas à condição de problema social, na década de 1990. Isso deve-se, em parte, a uma série de confrontos fatais. Em 1992, durante uma partida de juniores entre São Paulo e Corinthians, um corintiano veio a óbito, após ser atingido por uma bomba arremessada por são-paulinos<sup>2</sup>. Já em 1995, em outra partida de juniores, ocorreu a famosa “Batalha Campal do Pacaembu”, entre Mancha Verde, do Palmeiras, e Independente, do São Paulo. Após o título do Palmeiras, torcedores alviverdes entraram no gramado para comemorar a vitória. Já os são-paulinos iniciaram um confronto com a Polícia Militar (PM), que se encontrava em pequeno número, já que o seu contingente havia sido deslocado para fora do estádio, pois, horas depois, ocorreria um jogo do Corinthians no mesmo local. Esse confronto logo se amplificou e passou a envolver as duas torcidas, que se atacaram com paus, pedras e outros artefatos. Confronto que aconteceu diante dos olhos de todo país, já que o jogo foi transmitido ao vivo pela televisão. Naquela fatídica manhã, dezenas de torcedores de ambos os lados sofreram ferimentos e um jovem são-paulino faleceu, vítima das pancadas que sofreu na região da cabeça (Teixeira, 2001).

Esses acontecimentos contribuíram para uma mudança no tratamento da mídia e no

---

<sup>2</sup> E são sobre estas que iremos nos debruçar neste artigo. Vale destacar que, no contexto torcedor, o termo “pista” pode designar tanto essas torcidas quanto aqueles torcedores que têm pré-disposição para os referidos confrontos.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://app.globoesporte.globo.com/sp/futebol/violencia-torcidas-corinthians-sao-paulo/index.html>. Acesso em: 5 dez. 2024.

comportamento das autoridades, que passaram a criminalizar, de forma generalizada, as torcidas organizadas, caracterizando-as, com frequência, como organizações homogêneas, violentas e formadas por pessoas irracionais (Lopes, 2013).

Com essa mudança, novas medidas foram criadas como forma de regulamentar, pormenorizar, restringir e proibir (em alguns casos) a atuação das torcidas organizadas nos estádios de futebol, desconsiderando a ampla gama de agremiações torcedoras e de pessoas que fazem parte dessas agremiações. Também foram criadas comissões, como a Comissão Paz no Esporte, que publicou, em 2006, um relatório recomendando uma série de medidas de segurança para os espetáculos esportivos. Relatório que se baseou, em larga medida, no famoso Relatório Taylor<sup>4</sup> (Lopes; Reis, 2017). Ademais, foram criadas leis, como o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), substituído, em 2023, pela Lei Geral do Esporte (LGE). Leis que possuem artigos que primam pela repressão e tutela dos torcedores organizados (Rezende; Saldanha; Silva, 2023).

Mas não foi apenas na esfera legal que houve alterações, o próprio campo das torcidas organizadas modificou-se. Em relação aos conflitos, uma das principais novidades foi a emergência, na década de 2010, dos bondes de pista, agrupamentos menores e menos formais do que as torcidas organizadas (não têm Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica – CNPJ, por exemplo) e que rejeitam o uso de armas (“brancas” e de fogo) e práticas consideradas “covardes”, como o espancamento. Esses bondes buscam resgatar uma “moral torcedora” que entende as brigas como formas de lazer, que devem preservar a integridade física dos adversários, de modo que possam estar aptos a participar de suas atividades rotineiras no dia seguinte. Em outras palavras, uma moral que rejeita as brigas como forma de extermínio. Diante dessa novidade, neste artigo, objetivamos comparar os modos de organização e operação dos bondes de pista e das torcidas organizadas, focalizando sua atuação nos confrontos contra agrupamentos rivais. Também objetivamos analisar em que medida e como esses bondes adaptam suas estratégias de luta quando se confrontam com as referidas torcidas.

A fim de alcançar esses objetivos, organizamos o trabalho da seguinte forma: primeiramente, descrevemos o caminho metodológico percorrido, indicando os procedimentos de produção e análise de informação. Em seguida, fizemos uma contextualização do surgimento

---

4 O Relatório Taylor é um documento, cujo desenvolvimento foi supervisionado por Lorde Taylor de Gosforth, sobre as consequências e as causas do desastre de Hillsborough, em 1989. Um relatório intercalar foi publicado em agosto de 1989. Tem esse nome pois foi, como acabamos de indicar, elaborado por um Lorde de nome Taylor, durante o governo de Margareth Thatcher (1979-1990). Tal relatório buscou “humanizar” o espetáculo futebolístico e recomendou uma série de alterações na estrutura dos estádios. Ao mesmo tempo, culpabilizou os *hooligans* pela violência no futebol, de forma a criar sanções, regras e leis que os afastassem dos estádios, acreditando que assim a questão da violência seria resolvida. Hoje, mais de décadas depois, o relatório é visto com ressalvas, gerando controvérsias e críticas (Alabarces, 2012).

das formas coletivizadas do torcer no Brasil, com foco nas torcidas organizadas e nos bondes de pista. Feito isto, analisamos a estrutura organizacional e os códigos morais desses agrupamentos. Em seguida, discutimos suas práticas de luta e ideais de corpo. E, por fim, analisamos as estratégias por eles adotadas (especialmente, pelos bondes de pista) quando se enfrentam.

## **METODOLOGIA**

Este é um estudo de cunho qualitativo. Para analisar e diferenciar os confrontos envolvendo as torcidas organizadas e os bondes de pista, optamos por dois caminhos: em primeiro lugar, realizamos uma revisão bibliográfica acerca desses dois agrupamentos, focalizando os trabalhos que abordam diretamente as maneiras como ocorrem os referidos confrontos, os códigos morais desses agrupamentos, suas fontes de pertencimento e os processos de sociabilidade que deles emanam. Para realizar essa revisão, fizemos buscas detalhadas no Catálogo de Teses & Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); no Scientific Electronic Library Online (SciELO)-Brasil; no Google Acadêmico; e no Ludopédio, o maior portal de produção e divulgação científica sobre futebol na América Latina. Nesses locais, utilizamos e cruzamos as seguintes palavras-chave: torcidas organizadas; bondes de pista; brigas; lazer; ideologia.

Em segundo lugar, realizamos uma pesquisa de campo com os seguintes bondes de pista: Sobranada, do Fluminense, Bate Anda, do Flamengo, Bonde do Braço Fino (BBF), do Santos, Bonde dos Ultras, do ABC de Natal, e Bonde da Aliança, do Ceará<sup>5</sup>. Esta pesquisa foi realizada por apenas um dos autores do artigo, que conseguiu entrar nesses grupos graças à sua longa atuação como membro e diretor de torcida organizada e graças à sua extensa rede de contatos nesse universo. Em tal pesquisa, participou de uma série de eventos desses agrupamentos (ações sociais, treinos de artes marciais, reuniões etc.), assim como viajou e assistiu a jogos de futebol com eles. Em todas essas ocasiões, fez observações, que foram registradas em um diário de campo. Também realizou sete entrevistas semiestruturadas com algumas de suas principais lideranças<sup>6</sup>.

---

5 Até onde temos conhecimento, estes são os únicos existentes no Brasil.

6 A fim de garantir o anonimato dos participantes, utilizamos nomes de jogadores de seus clubes e da seleção brasileira de futebol feminino para designá-los.

## **TORCIDAS ORGANIZADAS E BONDES DE PISTA: UMA (BREVE) CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

No fim da década de 1930 e início da década de 1940, quando o Brasil enfrentava a ditadura varguista do Estado Novo (1937-1945), o mundo vivenciava os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o futebol começava a se profissionalizar. Neste cenário, com o auxílio das diretorias dos clubes e o apoio da imprensa, foram formados, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo, grupos que tinham como finalidade o apoio ao clube nas arquibancadas. Isso implicava não vaiair os jogadores e técnico, não falar palavrões, não protestar contra maus resultados e não se envolver em confrontos com torcedores rivais (Toledo, 1996). Um dos mais notórios exemplos desses grupos é a Charanga Rubro-Negra, comandada por Jayme de Almeida, que começou a organizar os cânticos na arquibancada flamenguista, atuando como seu principal puxador. Jayme utilizava-se de um alto-falante para poder comandar a torcida rubro-negra e se fazer ouvido por outros torcedores que não faziam parte da charanga.

A ideia do torcer de maneira uníssona (Marra, 2016) começou a institucionalizar-se nesse período. Essa institucionalização ia ao encontro dos ideais estado-novistas, uma vez que ela buscava direcionar a energia do torcedor para atividades consideradas ordeiras, sendo que o puxador “[...] teria o papel de moralizador e de refrear as paixões da multidão que comparecia aos espetáculos esportivos, impedindo o caos e conduzindo-a a uma uniformidade de comportamentos” (Hollanda; Chaim, 2020, p. 657). Ao longo dos anos, no entanto, as torcidas uniformizadas e charangas entraram em declínio. Afinal, devido às pressões da vida adulta, como filhos e casamento, muitos integrantes acabaram impossibilitados de se dedicarem a elas (Canale, 2020).

Após quase duas décadas de hegemonia desses agrupamentos nas arquibancadas brasileiras, no final de 1960, surgiram novas associações com a ideia de questionar sua forma de atuação. Em São Paulo, elas ficaram conhecidas como torcidas organizadas (Toledo, 1996) e, no Rio de Janeiro, como torcidas jovens (Teixeira, 2003). Entre as principais características dessas torcidas, está a reivindicação de um espaço político até então pouco pleiteado nas arquibancadas brasileiras e de um ideal de contraposição a um modelo que afirmavam ser subalterno às diretorias dos clubes. Nesse contexto, elas começaram a questionar os jogadores que não tinham bons rendimentos esportivos, os técnicos e diretores por maus resultados, casos de corrupção dentro dos clubes, além de criarem uma nova maneira de torcer. Vale recordar que, durante o período, o Brasil vivia a violência e repressão da ditadura civil-militar (1964–1985)<sup>7</sup>,

---

<sup>7</sup> A presença do termo “civil”, tem a finalidade de chamar a atenção para o protagonismo de uma série de

o que tornava ainda mais complexa a organização coletiva das organizadas.

O surgimento dessas novas associações deve-se, em grande medida, à criação do Campeonato Brasileiro de 1971 e, conseqüentemente, ao calendário anual de viagens nacionais que os torcedores passaram a ter. Naquele momento, os clubes começaram a jogar de maneira contínua em diferentes praças esportivas brasileiras. Junto com os jogos, veio a “necessidade” de as torcidas estarem presentes nas partidas, sejam como mandantes, seja como visitantes. Também não podemos nos esquecer que, naquele período, o mundo vivenciava uma série de revoltas e levantes, protagonizados por estudantes em articulação com trabalhadores, que criou um clima de insurgência global que não tardou a chegar nas arquibancadas brasileiras (Lopes, 2013).

Como o Brasil é um país de dimensões continentais, as torcidas organizadas precisaram construir relações com outros grupos nacionais, com a finalidade de conseguir apoio para as viagens que passariam a realizar com constância. No entanto, ao estabelecer um vínculo de amizade, essas torcidas, por conseguinte, construíram, também, inimizades (Santos, 2004; Souza, 2020; Carvalho, 2024). Elias e Dunning (2019) chamam esse fenômeno de Síndrome do Beduíno. Fenômeno que serve para explicar boa parte das amizades e uniões/alianças das organizadas<sup>8</sup>.

Ao longo da década de 1970, as rivalidades violentas entre torcidas organizadas intensificaram-se. Contudo, nesse momento, as brigas ainda eram, basicamente, corporais, ou seja, os corpos ainda eram instrumentos privilegiados de ataque e defesa. Nesse contexto, a ideia de extermínio era rechaçada. Com o passar dos anos, o aumento do número de conflitos transformou esse cenário e modulou as formas de ação dos grupos. As torcidas organizadas “militarizaram-se” (Murad, 2013). Essa “militarização” refletia-se nas mudanças nos cânticos, nas mascotes, nas vestimentas, nas formas de se expressar nas arquibancadas e pela cidade e, principalmente, nos confrontos contra grupos rivais, que passaram a ser mais “organizados”, com planejamento prévio, como no caso das emboscadas.

A década de 1980, por sua vez, marcou uma nova realidade no que concerne aos confrontos entre torcidas no Brasil (Rezende, 2023). Como já sublinhado na introdução, algumas mortes,

---

entidades da sociedade civil que atuaram na promoção e no apoio do golpe de 1964.

<sup>8</sup> Vale destacar a diferença entre os termos amizade e união na conjuntura das torcidas organizadas. Quando uma torcida se coloca como amiga de outra, isso significa que ambas se respeitam, mas não, necessariamente, ocorre uma ajuda mútua entre elas. O que é estabelecido é uma relação de cordialidade, que, na maioria das vezes, se apresenta a partir de um pacto de não agressão e de respeito por territórios simbólicos da outra torcida. Já a ideia de união/aliada está relacionada a um processo mais intenso do que a de amizade, pois requer uma ajuda mútua em relação a jogos e caravanas, por meio de suporte para alimentação, hospedagem, apoio logístico e até confrontos contra grupos rivais. Ao se debruçar sobre a temática das alianças, Carvalho (2024) analisa a união do Lado B de torcidas do Norte/Nordeste do Brasil, que inclui o Bonde da Aliança e os Ultras do ABC de Natal, dois dos bondes de pista estudados na escrita em questão.

no fim de tal década e início dos anos 1990, marcaram a mudança de paradigma das torcidas organizadas. Não queremos, aqui, dizer que antes não aconteciam brigas; ao contrário, estas já aconteciam mesmo antes da criação das torcidas uniformizadas e charangas da década de 1940 (Hollanda, 2016). Na verdade, o que ocorreu foi uma mudança na “cultura de pista” das organizadas, com a criação de novos códigos morais, que definem o conjunto de regras que estabelecem o que certo e o que é errado, o que é permitido e o que não é, nos confrontos contra agrupamentos adversários. Foi nesse momento que surgiu, por exemplo, a Mancha Verde, reivindicando “respeito”. A categoria “respeito”, no entanto, não era apresentada sob o signo da década anterior, quando significava respeito mútuo nas relações internas das torcidas, e delas com seus adversários, mas, sim, sob o signo do temor. Ser respeitado passou a significar ser temido, a poder andar com a camisa do seu clube de cabeça erguida pela cidade — sem temer a humilhação dos adversários — custe o que custar (Canale, 2020).

Foi nesse momento, também, que começou a se intensificar o uso de armas brancas e de fogo. Antes, essas armas eram utilizadas somente como forma de defender o patrimônio da torcida e sua sede. Ou, ainda, como forma de resgatar um companheiro caído e sem condições de se proteger. Em outras palavras, essas armas eram usadas em momentos específicos e sem a ideia de extermínio. Essa mudança no cenário das torcidas pode ser atribuída, em parte, a mudanças mais amplas na sociedade brasileira. A década de 1980 consolidou um processo, iniciado na segunda metade dos anos 1970, de mudança no padrão de criminalidade das grandes capitais brasileiras, que resultou, entre outras coisas, no aumento acentuado das taxas de homicídio e outros crimes violentos (Pinheiro; Almeida, 2003).

Na década de 1990, e no início dos anos 2000, as armas de fogo e armas brancas já faziam parte do cotidiano das torcidas organizadas, quase como um elemento identitário dos grupos, da mesma forma como são os tambores, faixas e bandeiras. Não à toa, Reis e colaboradores (2019) indicam que 37% das mortes envolvendo torcedores de futebol no Brasil foram motivadas por armas de fogo. O uso corriqueiro de armas fez com que as mortes no futebol brasileiro crescessem de maneira exponencial (Murad, 1996), alimentando discursos que criminalizam e colocam à margem as torcidas organizadas (Lopes, 2013).

De acordo com Toledo (2012), a década de 1990 concretizou um processo iniciado na década anterior, que levou à emergência de “uma nova subjetividade jovem, expressa numa corporalidade multiplicada em várias formas de manejos de ser, a produzir vasos comunicantes entre comportamentos, estilos, ideias, condutas, juízos estéticos”. Essa nova forma de subjetividade tensionou as fronteiras entre o considerado legal e o considerado ilegal, ditando os contornos de um (novo) comportamento juvenil popular, expresso por (novos) códigos morais, que passaram a circular entre pichadores, *rappers*, estudantes das redes públicas, frequentadores de bailes *funk*, lutadores de jiu-jitsu (Cecchetto, 2004) e, claro, entre os torcedores organizados.

Nesse momento, passou-se a valorizar mais fortemente, em alguns contextos juvenis (como o das torcidas), um “estilo de vida da periferia”, que passou a ser amplamente compartilhado por seus integrantes (independentemente da classe social). Isto é, “ser de periferia” deixou de ser uma condição social estanque na estratificação socioeconômica, uma espécie de “fatalismo sociológico”, para ser uma postura estética valorizada. Uma postura que projeta possibilidades de ascensão social e de visibilidade. Essa valorização, segundo o autor, está relacionada ao aumento da rejeição à ética do trabalho manual. Afinal, em uma sociedade neoliberal, marcada por um mercado de trabalho em franca transformação e desregulamentação, como era o caso da sociedade brasileira do período, o trabalhador passou a ser percebido (sobretudo pelos jovens) como um derrotado social.

Diante das mudanças nos confrontos entre torcidas organizadas, algumas associações foram criminalizadas e punidas. Isso ocorreu em diferentes praças esportivas, como o Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Gerais, e abriu espaço para que novos grupos torcedores buscassem o controle do “poder uníssono” (Marra, 2016) das arquibancadas — como o movimento de *barras*, que ganhou notoriedade no Rio Grande do Sul e relativo poder político no Rio de Janeiro (Hollanda, 2014). No ano de 2008, surgiu o primeiro bonde de pista, o BBF, formado por grupos de torcedores do Santos. Estes torcedores são ex-membros de torcidas organizadas do clube do litoral paulista, em especial da Torcida Jovem do Santos (TJS). Insatisfeitos com a diretoria da torcida na época e com a maneira como as pistas estavam sendo conduzidas no estado de São Paulo — com a utilização de barras de ferro, armas de fogo, emboscadas e mortes —, optaram por criar um grupo independente, que não se assumia como uma torcida organizada e que tinha como premissa entender as brigas pela lógica do jogo, priorizando regras de conduta e a vida do próximo (Rezende, 2023).

Após o grupo santista, outros quatro grupos nesse formato foram criados nos anos seguintes: em 2015, o Sobranada 1902, formado por ex-integrantes da Torcida Young Flu (TYF), do Fluminense Football Club; em 2016, o Bate Anda, que possui integrantes da Torcida Urubuzada, da Torcida Jovem do Flamengo e da Raça Rubro-Negra; e, em 2018, o Bonde da Aliança, formado por ex-integrantes da Torcida Organizada Cearamor (TOC) e do Movimento Organizado Força Independente (MOFI), do Ceará, e os Ultras do ABC de Natal, composto por ex-membros da Torcida Garra Alvinegra (TGA) (Rezende, 2024b).

No plano esportivo, o Brasil recebeu, no período, megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, que contribuíram para a reformulação de diversos estádios, acelerando o processo de hipermercantilização do nosso futebol. Este processo, que ganhou seus primeiros contornos na década de 1990, com a arenização do estádio do Atlético-PR, foi, posteriormente, reforçado pela adoção, por parte de diversos clubes, na primeira década do século XXI, dos planos de sócio-torcedor. Década em que, conforme já antecipamos, o governo

federal sancionou o Estatuto de Defesa do Torcedor. De acordo com Toledo (2012, p. 154), ao equiparar o torcedor ao consumidor, esse estatuto aproximou “fenômenos com densidades simbólicas muito distintas, tomados por bens de consumo sem qualquer mediação sócio-histórica”. O autor observa, ainda, que, no universo consumerista, há pouca solidariedade entre os indivíduos, diferentemente do que ocorre no universo do futebol — especialmente, dentro das organizadas. Em outras palavras, os bondes de pista nasceram num contexto de fortalecimento da atomização do torcedor. Atomização produzida não apenas pela criminalização de grupos marcados pela solidariedade e projetos coletivos, como as organizadas, mas, também, pelo estabelecimento de uma nova ordem jurídica e econômica.

## **ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E CÓDIGOS MORAIS**

Os bondes de pistas caracterizam-se por possuírem um número significativamente menor de integrantes do que as torcidas organizadas e por serem agrupamentos bem mais novos do que elas. Ademais, diferentemente dessas torcidas, não possuem CNPJ — o que, por conseguinte, faz com que seus membros não tenham de se cadastrar no Ministério Público do seu estado. Por um lado, isso garante seu anonimato nas ações dos grupos (que agem, até certo ponto, de forma clandestina), evitando com que sofram punições em caso de confrontos. Por outro lado, os impedem, com frequência, de entrar com instrumentos musicais, estender suas faixas e fazer uso de bandeiras nas arquibancadas dos estádios brasileiros.

Outra diferença em relação às organizadas é que os bondes de pista não possuem sede própria. Em geral, escolhem a casa de um integrante antigo para servir de ponto de encontro do grupo.

A estrutura hierárquica também é diferente. As organizadas tendem a possuir uma estrutura mais formal e verticalizada — com presidente, vice-presidente, diretores e funcionários (vendedores nas lojas oficiais da torcida, por exemplo). Inclusive, muitas dessas pessoas possuem registro em carteira de trabalho, com salários e cargas horárias específicas. Já os bondes de pista não têm figuras nominais, como presidente e vice-presidente, mas um conselho diretivo. Este, geralmente, é formado por, mais ou menos, de nove a doze pessoas, que possuem autoridade para a resolução de problemas e para acolher (ou não) as demandas que lhes chegam.

Além disso, os bondes de pista nem sempre têm uma atuação “institucionalizada” nas arquibancadas. Diferentemente das organizadas, não possuem a “obrigação” de realizar caravanas para as partidas fora de casa e nem de assistir aos jogos em coletivo, com bateria, material e cânticos próprios. Esta última informação é particularmente relevante, pois é indicativa

do caráter fluído, não estático, da atuação dos integrantes dos bondes de pista. A mesma pessoa pode, em determinado contexto, atuar como membro de um bonde, seguindo seus códigos morais, e, em outro, atuar como membro de uma organizada, que não necessariamente possui as mesmas regras de conduta. Podemos afirmar que há, portanto, certo trânsito entre esses agrupamentos, indicando que suas fronteiras são, até certo ponto, porosas.

A despeito dessa porosidade, podemos afirmar que, quando estão atuando dentro de um bonde, seus integrantes encaram as brigas a partir da lógica do lazer, não do extermínio (Rezende, 2024b). A fala de um dos líderes do Bate Anda exemplifica esse fato:

Os nossos integrantes também fazem parte de alguma torcida organizada do Flamengo. Temos membros da Raça Rubro-Negra, da Torcida Jovem e da Urubuzada. A última, é uma torcida que não é de briga e, por isso, as pessoas vieram e até ajudaram a formar o Bate Anda, justamente, para não perderem essa ideologia de ser um torcedor de pista. Quando você faz parte de uma instituição, nesse caso, uma torcida organizada, mesmo que não concorde com algumas regras de conduta que ali estão colocadas, você deve segui-las. É o que entendo por respeitar hierarquias (Imperador, Bate Anda, 2023).

Essa forma de torcer está relacionada a um caráter multifacetário do torcedor, haja visto que a sua “personalidade torcedora” é formada e moldada não somente pela participação em confrontos corporais, mas, também, por ações sociais, festas nas arquibancadas, caravanas e, eventualmente, por protestos e cobranças contra maus resultados esportivos do seu clube.

A cultura de pista<sup>9</sup> pode ser explicada, principalmente, pela busca de atividades que proporcionem adrenalina e prazer. Em relação a isso, Imperador afirma:

Nós do Bate Anda trabalhamos a semana toda, uns em serviços informais e outros com carteira assinada. Mas o que importa é que escolhemos nos divertir por meio da briga contra grupos rivais, de mostrar quem é o melhor bonde do Rio. Isso, claro, contra outros torcedores que também compartilham do mesmo desejo e dos mesmos códigos. Essas ações nos geram prazer, adrenalina e um sentimento de que estamos vivos (Imperador, Bate Anda, 2023).

Aqui, vale reforçar que os integrantes dos bondes de pista não negam os confrontos; ao contrário, os entendem como uma necessidade do seu estilo de vida, reivindicando o direito de brigarem contra grupos rivais, que conservam os mesmos códigos morais, de masculinidade (Cecchetto, 2004) e de gosto ao risco (Le Breton, 2009). Em outras palavras, que compartilham a mesma *illusio* (Bourdieu, 1996), isto é, essa forma de interesse desinteressado pelas disputas que são dadas em torno dos bens simbólicos e troféus característicos do campo de interação das torcidas (roubos de bandeira, vitória num embate, disposição para enfrentar as adversidades

---

<sup>9</sup> Faz parte dessa cultura não somente a participação em brigas, mas, também, as preparações para estas, que incluem treinos de artes marciais, reuniões e caminhadas para as partidas sem a presença de escolta policial.

etc.). Aí está, talvez, uma das possíveis similaridades entre os membros das torcidas organizadas (de pista) e os dos bondes de pista: para ambos, a participação em confrontos constitui uma forma privilegiada de obtenção e acumulação de capital simbólico, que, por sua vez, os facultava galgar a estrutura de poder de seu agrupamento e, conseqüentemente, inserir-se numa rede de favores. Isso faz com que, em certo sentido, a inserção na pista seja, para os dois agrupamentos, ambígua, possuindo uma dupla face. Afinal, é inspirada, ao mesmo tempo, pelo interesse e pelo desinteresse.

A participação em confrontos também é, para os integrantes dos bondes de pista, uma forma de pertencimento e de formação identitária. Nossa hipótese é que eles possuem, portanto, um papel e um significado similar ao atribuído por outros torcedores considerados “problemáticos”, como os *hooligans* ingleses. Ao abordar estes últimos, Dunning, Murphy e Willians (1993, p. 259, tradução nossa) sustentam que os jovens desses segmentos:

[...] por um lado, tendem racionalmente a buscar confrontos físicos porque estes representam para eles uma fonte de identidade, posição, sentido e excitação prazerosa. Por outro, tendem a responder agressivamente em situações ameaçadoras porque aprenderam a não exercer o grau de autocontrole que demandam as normas dominantes na sociedade britânica.

O hooliganismo, inclusive, serve de inspiração para alguns agrupamentos. Outra inspiração são os confrontos de outrora entre as organizadas, que (supostamente) eram orientados por códigos morais mais rígidos. É interessante observar, portanto, que as práticas dos integrantes dos bondes de pista são ensejadas por um discurso de valorização do ontem, visto como autêntico e moralmente superior, e de rejeição do hoje, visto como corrompido pelo ódio e pela falta de “ideologia”. É, certamente, um discurso idealista, que evoca a nostalgia e o saudosismo. O extrato abaixo é sugestivo:

Nós acreditamos em uma briga limpa, em confrontos que ambos os lados têm chances parecidas de ganhar. Como eram na década de 1980 nas torcidas organizadas e como observamos inúmeras vezes na ação dos *hooligans* pela televisão. Afinal, você chegar e atirar em alguém a 10 metros de distância não demonstra disposição e sim covardia, pois o outro não pode se defender. Todos devem voltar para casa, encontrar suas famílias, trabalhar e estudar no dia seguinte (Imperador, Bate Anda, 2023).

Notemos que a memória de um tempo não vivido aparece, aqui, como definidora das fronteiras de um *ethos* ou estilo de vida. Tratar-se-ia de um tempo em que o extermínio físico do rival não era aceito. Um dia se ganha (bate); outro se perde (apanha). E, para que isso seja possível, é preciso que o outro tenha sua vida preservada. Por um lado, esse tipo de discurso apresenta uma preocupação com o bem-estar do oponente. Com a sua humanidade. Por outro lado, apresenta uma preocupação característica dos discursos de natureza reacionária: a

preocupação com o declínio. Mais exatamente, com a corrupção moral de determinado grupo. Aqui, como em qualquer discurso reacionário, o tempo histórico é o passado. Busca-se voltar a ele; e não criar um novo tempo.

No trecho supramencionado, também é possível observar uma clara valorização de um modelo de “masculinidade agressiva”, fundamentado na demonstração da força física e na reverência a corpos musculosos — valorizados, com frequência, por estéticas de regimes totalitários — como o fascismo. Neste ponto, vale sublinhar, no entanto, que qualquer comparação direta dos bondes de pista com grupos (neo)fascistas nos parece equivocada. Em primeiro lugar, porque a “ideologia” que esses bondes buscam resgatar é uma ideologia de corpo (que busca preservá-lo), e não uma ideologia como um conjunto organizado de ideias políticas. Em segundo lugar, porque muitas das características do (neo)fascismo simplesmente não se fazem presentes no seu imaginário ou, até mesmo, são por eles rejeitadas. Por exemplo, não há a ideia de uma “limpeza” (principalmente, étnico-racial) baseada no extermínio dos “inimigos” e de suas manifestações culturais. Ou ainda, não há a ideia de vitimização de uma comunidade, nem a de uma “violência redentora” (Bray, 2017).

Diante do exposto, podemos afirmar que uma das práticas que unificam os bondes de pista é uma “cultura de pista”, baseada num código moral que rejeita a ideia de extermínio e que busca resgatar uma “ideologia” que, segundo eles, foi sendo perdida ao longo das décadas. A fala do Washington, uma liderança do Sobranada 1902, é sugestiva:

Na verdade, nós não negamos as brigas, ao contrário gostamos e até nos preparamos para tal momento. No entanto, não aceitamos covardias. Vários torcedores agredindo um; utilização de armas de fogo e mortes. Pensamos que no final todos estão em um mesmo propósito, mesmo torcendo para clubes rivais. Se nos matarmos, o poder público e a mídia têm cada vez mais argumentos para punir e proibir quaisquer tipos de manifestações torcedoras (Washington, Sobranada 1902, 2023).

A fala acima converge com diversas outras falas de lideranças dos bondes de pista. Isso nos permite perceber que existe uma espécie de “consciência torcedora” nos grupos estudados — não aquela de caráter antifascista presente em alguns coletivos de torcedores atuais (Saldanha, 2023), mas, sim, uma “consciência” que expressa uma maneira de pensar que encara o rival como um adversário, não como um inimigo. Não à toa, os integrantes dos bondes de pista evitam participar de confrontos que se orientem pela ideia de vingança. Afinal, buscam perpetuar a ideia de jogo (Coelho, 2016), rejeitando a vitória a qualquer custo. Os confrontos, no contexto de tais bondes, valem, em grande medida, por si mesmos. Pela excitação trazida. Eles permitem, portanto, um deslocamento ou uma ruptura com a vida cotidiana. Evidentemente que, no contexto das torcidas organizadas, os confrontos também podem produzir excitação e esse tipo de ruptura (e, muitas vezes, produzem). Todavia, diferentemente de um jogo, no qual

as regras são absolutamente obrigatórias (Huizinga, 1999), os confrontos entre elas podem violar (e, com certa frequência, violam) as regras consentidas (proibição do uso de armas de fogo, por exemplo), a fim de vingar um episódio passado. É preciso, no entanto, observar que as fronteiras entre a lógica do “jogo” e a da “vingança” não são absolutamente claras. Ao contrário, são porosas. Infiltram-se. Por exemplo, uma briga inicialmente guiada pela lógica do jogo pode levar ao ressentimento, que, por sua vez, pode se converter em uma ação de vingança materializada no extermínio do rival. Ação que não deixa de ser incompatível com a ideia de jogo. Afinal, para que haja um jogo, é preciso que haja um adversário. Alguém a ser superado.

O extrato abaixo é indicativo da rejeição ao extermínio físico do rival:

O nosso maior adversário é o Bate Anda. Porque ali sabemos que será uma briga limpa e todos voltaremos para casa. Já contra as torcidas do Vasco e do Botafogo não podemos dizer o mesmo, eles não têm muita coragem de brigar na mão e sempre dão tiro. Não saímos de casa para prejudicar a família dos outros, isso na nossa opinião ultrapassa a coragem e disposição que pregamos (Assis, Sobranada 1902, 2023).

Interessante observar que, além da justificativa moral, os entrevistados justificam sua rejeição à ideia de extermínio argumentando que ela serviu para enfraquecer, estigmatizar e criminalizar os movimentos de torcidas. Nesse sentido, podemos afirmar que seu código moral também é percebido como uma forma de resguardar esse movimento. Como uma forma de blindá-lo. De protegê-lo. O extrato abaixo é ilustrativo:

As próprias torcidas organizadas auxiliaram para que a imprensa e a sociedade civil construíssem um estereótipo negativo delas. Isso porque as mortes, em muitas ocasiões com a utilização de armas de fogo ou espancamentos cruéis, deixam inertes até mesmo nós que estamos acostumados com a cultura dos confrontos torcedores. Por isso, o nosso grupo e outros no Brasil vem passando uma ideia de brigas limpas, sem romantizar o fenômeno, mas estamos buscando voltar a ideia do respeito pela vida do próximo. Felizmente, essa ideologia tem sido bem aceita Brasil afora, inclusive por algumas torcidas organizadas que vêm fazendo materiais que negam o uso de armas nos confrontos (Gildo, Bonde da Aliança, 2023).

## **PRÁTICAS DE LUTA E IDEAIS DE CORPO**

Como já antecipamos, as torcidas organizadas modificaram suas ações nos confrontos com o decorrer das décadas e, atualmente, o sentimento de vingança perpetua na maior parte dos embates, ocasionando imagens e cenas como as vistas na emboscada em que a Mancha Alvi Verde, do Palmeiras, realizou contra a Gaviões da Fiel, do Corinthians, no ano de 2023, em que diversos de corintianos ficaram feridos, sendo quatro destes em estado grave. Seríamos

capazes de elencar outros exemplos em distintas praças esportivas brasileiras. Atualmente, as táticas utilizadas pela maior parte das torcidas organizadas (de pista) no Brasil, seja de primeiro ou de segundo escalão<sup>10</sup>, são parecidas. Elas utilizam barras de ferro nos confrontos, bombas, foguetes, pedras e armas de fogo. Em casos de caravana, é comum que tenham carros que servem como escolta dos ônibus durante o percurso na estrada. Carros que possuem, também, a função de observar a presença de torcedores rivais, policiais e *blitz* de segurança e que são conhecidos pelos torcedores como “antena”. No geral, neles, há o motorista e mais uma pessoa que está no banco da frente, quase sempre em posse de arma de fogo, para o caso de alguma “eventualidade”. Os “antenas” costumam, ainda, transportar a faixa oficial da torcida e barras de ferro, que têm a função de auxiliar em possíveis confrontos. Essas são maneiras encontradas pelas organizadas de proteger o patrimônio da torcida e evitar passar por revistas policiais. Afinal, os ocupantes dos “antenas” viajam, quase sempre, descaracterizados e em carros alugados — o que também impede que tenham seu veículo danificado durante o percurso.

As escoltas, como a feita pelos “carros-antenas”, não são novidades no universo das torcidas organizadas, elas começaram a acontecer, de forma mais sistemática e organizada, no início da década de 2000 — quando essas torcidas já demarcavam seus territórios por meio de confrontos, que ganhavam cada vez mais notoriedade devido à sua belicosidade (Teixeira, 2003). Com o passar dos anos, as organizadas foram ganhando fama de desordeiras e selvagens, sendo, com frequência, retratadas pela mídia como uma patologia, um vírus, que desarmoniza as relações do universo torcedor (Lopes, 2013). Essa fama, aliada à percepção de parte dos próprios torcedores organizados de que os confrontos tinham tomado um rumo moralmente inaceitável, contribuiu, conforme já antecipamos, para a formação dos bondes de pista, que encaram as brigas como lazer — rejeitando, assim, práticas como as emboscadas, os espancamentos e os assassinatos e advogando em prol da “cultura do mano a mano<sup>11</sup>” (Teixeira, 2021; Rezende, 2024b). Como esses grupos são formados por membros e ex-membros de organizadas, eles herdaram marcos identitários importantes para elas, como a valorização do patrimônio, a sensação de pertencimento a um coletivo e a fidelidade ao clube e às próprias rivalidades torcedoras. Estes marcos são vivenciados pela lógica do antagonismo e do embate físico.

Os bondes de pista se organizam pelos e para os confrontos, e foi a partir deles que ganharam visibilidade no cenário torcedor. Embora as brigas já existissem muito antes da formação desses grupos, elas haviam tomado, segundo eles, um rumo perigoso e moralmente

---

10 Termo utilizado pelos torcedores para estratificar as torcidas pela quantidade de componentes, representatividade na arquibancada, nas caravanas e atuação nas pistas.

11 Expressão torcedora e dos bailes funk de corredor que indica brigas que possuem apenas os corpos dos participantes como objetos de ataque e de defesa.

inaceitável, conforme já antecipamos. Em outras palavras: os embates institucionalizados, organizados, combinados e que seguem regras de conduta rígidas — como a não utilização de armas brancas e de fogo, a não agressão a torcedores fora de combate (caídos, desacordados), o respeito pela vida do próximo e a ideia de jogo (Coelho, 2016) — são formas de vivenciar a pista que, na percepção dos integrantes dos bondes de pista, haviam sido perdidas nas últimas décadas.

A ideia de jogo exige que embates entre os bondes de pista sejam relativamente controlados. Ao mesmo tempo em que os integrantes de tais bondes precisam estar atentos para os imprevistos (e os conflitos na rua são cheios de imprevistos), é necessário que tenham um controle muito grande sobre seus corpos e sobre seus movimentos, a fim de não matar ou machucar severamente o oponente. O corpo desses integrantes não pode ser um “corpo-explosivo”, mas deve ser um “corpo-blindado”, um “corpo-armadura” (Diógenes, 2003). Um corpo que consegue a proeza de não se dobrar nem diante dos ataques externos, nem das paixões internas.

Obviamente, existem casos em que as regras estabelecidas pelos bondes de pista são violadas. Estas violações devem ser interpretadas de acordo com o histórico de confrontos entre os agrupamentos. Ou seja, essas regras não são estáticas, mas são moldadas de acordo com o contexto. Por exemplo, existem estados brasileiros, como São Paulo, em que, há pelo menos uma década, se institucionalizou nos confrontos a utilização das barras de ferro. Por isso, os bondes de pista, em especial o BBF, que tem a sua principal atuação em São Paulo, “precisa” se adaptar a essa realidade e introduzir em disputas contra as organizadas do estado esse tipo de arma, mesmo sendo contrária à sua “ideologia”. Certamente, os ideais de respeito à vida do próximo e de rejeição à utilização de armas de fogo são mais facilmente concretizáveis quando não se tem um histórico de mortes envolvendo os grupos combatentes. Afinal, neste caso, o sentimento de vingança ainda não está instaurado no imaginário de seus integrantes.

Uma vez que possuem um estilo de vida voltado aos confrontos corporais, os bondes de pista demandam de seus membros certas tarefas, como, por exemplo, cuidar fisicamente de seus corpos, por meio da realização de treinos de artes marciais e musculação. A esse respeito, é interessante notar que, ao analisar o tipo ideal de corpo (masculino) nas *barras* argentinas, Zucal (2010) observa que, lá, o que se valoriza é o corpo gordo com cabelos longos e marcado por cicatrizes, que serviriam, até certo ponto, de prova de participação em embates corporais, ou seja, de prova de *aguante* (capacidade de resistir à dor e às adversidades) (Moreira, 2007; Zucal, 2006). Já no Brasil, o ideal de corpo (masculino) é distinto: um torcedor de pista deve ter músculos, boa forma física, ter cabelo raspado, não utilizar brincos, ter tatuagem (de preferência do clube e/ou do grupo torcedor do qual faz parte) e se vestir com roupas esportivas. Características estas que são recomendadas e até exigidas por torcidas organizadas que têm

os confrontos como marco identitário. Nos bondes de pista, também se recomenda que os torcedores evitem a ingestão de bebidas alcoólicas em jogos de guerra<sup>12</sup> e estejam presentes em todas as atividades do grupo: ações sociais, reuniões e, principalmente, jogos dentro e fora de casa<sup>13</sup>.

## QUANDO AS ORGANIZADAS E OS BONDES SE ENFRENTAM NA PISTA

Até aqui, apresentamos e analisamos algumas semelhanças e diferenças entre as organizadas e os bondes de pista. Vimos, por exemplo, que não seguem, necessariamente, os mesmos códigos. Mas e quando se encontram e se enfrentam na pista? Em relação a esse ponto, nossos interlocutores<sup>14</sup> nos informaram que, pelo fato de questionarem o *modus operandi* das organizadas, os bondes de pista possuem algumas estratégias caso encontrem essas torcidas na pista. O primeiro (e mais importante) ponto é saber que suas regras de conduta e honra (Pitt-Rivers, 1992) não serão respeitadas naqueles momentos. Daí surgem estratégias específicas para cada jogo.

Por exemplo, os líderes do Sobranada 1902 afirmaram que evitam confrontos contra torcidas organizadas do Botafogo e do Vasco da Gama, uma vez que, segundo eles, essas torcidas não brigam na mão, mas utilizando armas brancas e de fogo. Já contra as organizadas do Flamengo, o Sobranada 1902 tem um posicionamento distinto, visto que encaram os grupos flamenguistas como rivais e não como inimigos. Certamente, isso facilita o respeito a determinados códigos morais, como o não espancamento de torcedores.

O Bate Anda, por sua vez, como se encontra institucionalizado apenas nos momentos em que participam de confrontos, tem uma realidade mais flexível. Em confrontos contra torcidas que, a seu ver, não respeitam a sua “ideologia”, seus integrantes dissolvem-se nas organizadas

---

12 Como são chamadas as partidas com histórico de rivalidade e confrontos violentos.

13 Vale ressaltar, aqui, que a estética que caracteriza os bondes de pista e as torcidas organizadas ganhou corpo (literalmente) na década de 1990. Período em que o então presidente da República, Fernando Collor de Mello, que presidiu o país de 1990 a 1992, buscava dar vazão à imagem de um Estado forte por meio da fabricação da ideia de um super indivíduo, materializada na imagem de um corpo viril e capaz de enfrentar qualquer adversidade. Recordemos que, semanalmente, ele costumava colocar seu corpo à prova em modalidades esportivas consideradas extravagantes. Ao abordar essa mudança nas corporalidades torcedoras dos anos 1990, Toledo (2012) mostra, por exemplo, que as mascotes das torcidas organizadas perderam seus traços infantis, brejeiros e/ou sorridentes para ganhar músculos em corpos raivosos e ameaçadores.

14 Lideranças dos bondes de pista.

flamenguistas, da qual fazem parte em paralelo, não atuando, coletivamente, como um bonde.

Já o BBF busca analisar a situação de cada estado brasileiro e os costumes na pista. Em relação a isso, Pepe nos conta:

Em Minas Gerais, se tem o costume de brigar na mão. No Nordeste também. Então manter a nossa cultura é bem mais fácil. Já em São Paulo e no Rio de Janeiro, principalmente contra os vascaínos, isso não é possível. Então precisamos ir preparados, porque, se os nossos adversários utilizam armas brancas, esse é o mínimo para ter um embate em igualdade, mesmo que a gente não concorde com essa forma de encarar as pistas. Somos um grupo de briga, esse é o motivo da nossa criação, mas não dá para viver na utopia e acreditar que todos terão a nossa ideologia (Pepe, BBF, 2023).

A fala do Pepe é indicativa de que as regras da pista possuem, como já antecipamos, certa plasticidade, tendo de se adaptar ao contexto local e à “ideologia” do grupo rival. Também é sugestiva de que a honra (Pitt-Rivers, 1992) está associada ao ato de não fugir, de se fazer presente e disponível para o combate. Tanto que o BBF não evita o confronto contra torcidas organizadas, mesmo que essas não sigam suas normas de conduta. Na verdade, o grupo busca se adaptar para o que se apresenta, de modo a não desconsiderar o contexto em que está inserido.

Por fim, os bondes de pista do Nordeste encontram-se um cenário mais bélico, já que o uso de armas de fogo tem aumentado demasiadamente entre os confrontos torcedores da região. A estratégia que eles seguem é parecida com a do BBF, já que não negam o conflito, mas buscam se adaptar a ele, mesmo que isso resulte no deslocamento, ao menos momentâneo, da sua “ideologia” e dos preceitos formadores do grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, argumentamos, entre outras coisas, que as normas de conduta que os bondes de pista adotam diferem, sob alguns aspectos, daquelas adotadas pelas torcidas organizadas. Na visão desses bondes, é preciso resgatar uma antiga “ideologia de pista”, que rejeita o extermínio como prática legítima e faz da preservação da vida e da dignidade do oponente, assim como dos ideais de equilíbrio, justiça e igualdade, um dever moral. Esse resgate baseia-se, como vimos, em um discurso idealizado, que constrói o ontem como moralmente superior ao hoje, evocando o saudosismo e a nostalgia. No entanto, como vimos também, o referido dever, às vezes, é violado, pois as práticas e estratégias de combate dos bondes de pista têm de ser adaptadas quando enfrentam grupos que não seguem os mesmos códigos de conduta. Trata-se, portanto, de uma moral plástica, relativa, não absoluta. Uma moral que não pode, portanto, converter

uma máxima em uma lei universal, aos moldes do imperativo categórico kantiano.

Certamente, essa plasticidade moral aponta, entre outras coisas, para a complexidade e as múltiplas lógicas do fenômeno das brigas no futebol, que, a nosso ver, necessitam de uma abordagem multiperspectívica, que busca empregar várias interpretações a serviço do conhecimento (Kellner, 2001). Afinal, toda abordagem possui vantagens e desvantagens, possui pontos cegos e clarões. Evidentemente, essa abordagem será sempre, como qualquer outra abordagem, apenas uma interpretação da realidade, jamais dará conta da sua totalidade. De qualquer modo, parece-nos inegável que ela pode contribuir para irmos além de uma leitura unilateral do fenômeno, podendo iluminar aspectos que antes estavam na penumbra.

## REFERÊNCIAS

1. ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
2. ARMSTRONG, Gary. **Football hooligans**: knowing the score. New York: Berg, 2013.
3. BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
4. BRAY, Mark. **Antifa**: el manual antifascista. Madrid: Capitán Swing, 2017.
5. CANALE, Vítor dos Santos. **Um movimento em muitas cores**: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 - Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). 2020. Tese (Doutorado em História, Política, Bens Culturais e Projetos) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/5cdf2702-aa8a-4f88-834b-56225f150f98/content>. Acesso em: 21 nov. 2024.
6. CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **Colado com nós, colado com a Maioral**: uma etnografia sobre alianças e rivalidades da Torcida Jovem do Botafogo-PB. 2024. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/20809>. Acesso em: 31 mar. 2025.
7. CECCHETTO, Fátima Regina. Violência e estilos de masculinidade. In: CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência, Cultura e Poder**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 37-55.
8. COELHO, Gustavo. **Deixa os Garotos Brincar**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
9. DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpus juvenis**: o tatame, o jogo e o baile. São

Paulo: Annablume, 2003.

10. DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.
11. DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. Spector violence at football matches: towards a sociological explanations. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process**. Cambridge: Blackwell, 1993. p. 245-266.
12. ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Coimbra: Edições 70, 2019.
13. FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
14. GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
15. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas, ultras e hooligans: paralelos da problemática torcedora no Brasil e na França. *In*: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: Letras, 2014. p. 145-158.
16. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980). **Brasiliana**, [s. l.], v. 5, p. 367-404, 2016. Disponível em: <http://ojs.statsbiblioteket.dk/index.php/bras/>. Acesso em: 25 nov. 2024.
17. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CHAIM, Anibal Martinot. Ordem & Progresso nas arquibancadas: jornalismo esportivo e a gênese das torcidas uniformizadas de futebol durante o regime do Estado Novo (1937-1945). *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020. p. 652-679.
18. HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Perspectiva: São Paulo, 1999.
19. KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais; identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.
20. LE BRETON, David. **Condutas de risco**. Dos jogos de morte aos jogos de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.
21. LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13072012-103725/pt-br.php>. Acesso em: 2 dez. 2024.

22. LOPES, Felipe Tavares Paes; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Ideologia, futebol e violência: uma análise do relatório “Preservar o Espetáculo, Garantindo a Segurança e o Direito à Cidadania”. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 36-51, 2017. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672017000300004](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300004). Acesso em: 2 dez. 2024.
23. LOPES, Felipe Tavares Paes; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. No campo das torcidas organizadas de futebol: interações sociais e aprendizagens. In: MAGALHÃES, Livia Gonçalves; TEIXEIRA, Rosana da Câmara (org.). **Futebol na sala de aula: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de Ciências Sociais e de História**. Niterói: EdUFF, 2021. p. 137-175.
24. MALAIA, João Manuel Casquinha. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910 – 1950. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; MALAIA, João Manuel Casquinha; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012. p. 53-85.
25. MARRA, Pedro Silva. **Vou Ficar de Arquibancada pra sentir mais emoção: técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: [https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese\\_doutorado\\_2016\\_pedro\\_silva\\_marra.pdf](https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2016_pedro_silva_marra.pdf). Acesso em: 3 dez. 2024.
26. MOREIRA, María Verónica. Etnografía sobre el honor y la violencia de una hinchada de fútbol en Argentina. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, [s. l.], v. 13, p. 5-20, 2007.
27. MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
28. MURAD, Maurício. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 139-152, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76312/80030>. Acesso em: 8 nov. 2024.
29. PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Violência urbana**. São Paulo: PubliFolha, 2003.
30. PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra. In: CZECHOWSKY, Nicole (org.). **A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco**. Porto Alegre: LP&M, 1992. p. 17-32.
31. REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes; MARTINS, Mariana Zuaneti; SPAAIJ, Ramon. Pain and suffering in football: analysis of football related fatalities in Brazil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 33, p. 277-292, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/170299>. Acesso em: 20 de mar. 2025.
32. REZENDE, Fábio Henrique França. Máfia Azul x Mancha Verde: uma disputa que transcende fronteiras. **Ludopédio**, São Paulo, v. 186, n. 3, 2024. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/mafia-azul-x-mancha-verde-uma-disputa->

- que-transcende-fronteiras/?srsltid=AfmBOooummUlnlXvyigxWJo4E9A2d6ev6PV  
 Tn\_h2pfqmGpIoXAotC10p. Acesso em: 10 dez. 2024a.
33. REZENDE, Fábio Henrique França. **Os bondes de pista: a briga como possibilidade de lazer para grupos de torcedores de futebol no Brasil.** 2024. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/77904/4/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20F%c3%a1bio%20Henrique%20Fran%c3%a7a%20Rezende.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024b.
  34. REZENDE, Fábio Henrique França; SALDANHA, Renato Machado; SILVA, Silvio Ricardo da. Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei Geral do Esporte: similaridades e distinções no que concerne à atuação perante as torcidas organizadas. **Ludopédio**, São Paulo, v. 169, n. 7, 2023. Disponível em: [https://ludopedio.org.br/arquibancada/estatuto-de-defesa-do-torcedor-e-lei-geral-do-esporte-similaridades-e-distincoes-no-que-concerne-a-atuacao-perante-as-torcidas-organizadas/?srsltid=AfmBOoqH4KwbtMPs580Hou6ZwiPBLljhrx9HjMCsflw\\_WXV5obRs-Z-t](https://ludopedio.org.br/arquibancada/estatuto-de-defesa-do-torcedor-e-lei-geral-do-esporte-similaridades-e-distincoes-no-que-concerne-a-atuacao-perante-as-torcidas-organizadas/?srsltid=AfmBOoqH4KwbtMPs580Hou6ZwiPBLljhrx9HjMCsflw_WXV5obRs-Z-t). Acesso em: 3 dez. 2024.
  35. SALDANHA, Renato Machado. **Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes: decifrando as torcidas antifascistas unidas do Norte e do Nordeste.** 2023. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/69669/1/Tese%20Renato%20Saldanha.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2024.
  36. SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol.** São Paulo: Annablume, 2004.
  37. SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças. **Csonline**, Juiz de Fora, v. 31, p. 192-218, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30164>. Acesso em: 10 nov. 2024.
  38. TEIXEIRA, Rosana da Câmara. A volta do mano a mano: algumas considerações sobre a briga entre torcedores, códigos de honra, adrenalina e risco a partir de uma reportagem de televisão. In: HELAL, Ronaldo; COSTA, Leda; AMARO, Fausto; FONTENELLE, Carol (org.). **Estudos em mídia, esporte e cultura.** 1aed. Curitiba: Appris, 2021. p. 113-128.
  39. TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas jovens: entre a festa e a briga. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**, Niterói, n. 10/11, p. 85-104, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/edicoes>. Acesso em: 18 nov. 2024.
  40. TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Aprendizagens e sociabilidades juvenis: a experiência das Torcidas Jovens cariocas,** 2003.

41. TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: sociabilidade torcedora entre 1990-2010. *In*: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João Manuel Casquinha; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de (org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 53-85.
42. TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.
43. ZUCAL, José Garriga. **Nosotros nos peleamos**: violencia e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.
44. ZUCAL, José Garriga. Soy macho porque me la aguanto: etnografías de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculinas. *In*: ALABARCES, Pablo; CONDE, Mariana; DODARO, Christian (comp.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 39-58.

*Fábio Henrique França Rezende*

Doutorando na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9651-7749>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação, Revisão. E-mail: [fabiohrezende94@gmail.com](mailto:fabiohrezende94@gmail.com)

*Silvio Ricardo da Silva*

Professor da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campina. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0584-3675>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Análise de dados, Redação, Revisão. E-mail: [prof.srs@gmail.com](mailto:prof.srs@gmail.com)

*Felipe Tavares Paes Lopes*

Professor da Universidade Estadual de Campinas. Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e Doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0213-7858>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Análise de dados, Redação, Revisão. E-mail: [lopesftp@gmail.com](mailto:lopesftp@gmail.com)